

(2009) ANA ISABEL ARRUDA MONIZ, *A SUSTENTABILIDADE DO TURISMO EM ILHAS DE PEQUENA DIMENSÃO: O CASO DOS AÇORES.*

PONTA DELGADA, CENTRO DE ESTUDOS DE ECONOMIA APLICADA DO ATLÂNTICO.

João Albino Matos da Silva – Faculdade de Economia, Universidade do Algarve, Campus de Gambelas, Faro.

Num país onde as actividades turísticas têm vindo a aumentar o seu protagonismo no desenvolvimento económico de grande parte das regiões portuguesas, saúda-se a publicação da Tese de Doutoramento da Professora Ana Isabel Arruda Moniz, Doutorada em Ciências Empresariais pela Universidade dos Açores e docente desta mesma Universidade.

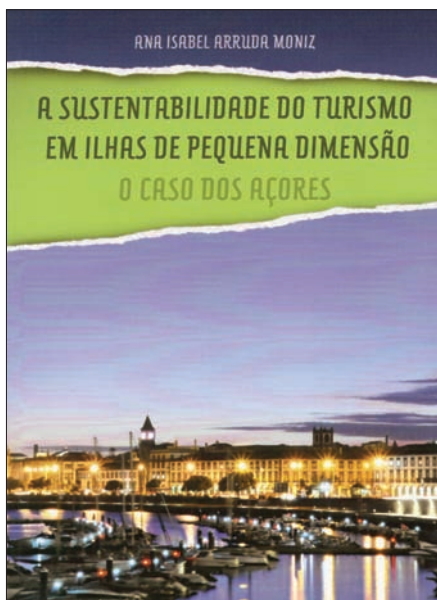
Leitor atento e entusiasta e companheiro de jornada da autora, desde há muitos anos, gostaria de sublinhar algumas das muitas virtudes que este livro encerra.

Em primeiro lugar, este é um trabalho que testemunha um grande amor pelos Açores, pelo progresso social e económico das suas gentes, por um futuro melhor para as gerações vindouras.

A autora, logo no início do seu livro escreve: “Deixo expresso o quanto os Açores me cativam, pela beleza singular das suas ilhas e das suas gentes e o quanto me estimulam a contribuir, se bem que em moldes assaz modestos, para o seu Desenvolvimento Sustentável”.

A escolha do tema e a forma como foi tratado são, de facto, um reflexo dos valores éticos defendidos pela Professora Ana Isabel Moniz, que decidiu assim contribuir generosamente para um melhor conhecimento e intervenção no domínio da sustentabilidade da mais significativa oportunidade de futuro destas ilhas.

Uma segunda virtude está presente na sua grande preocupação em tornar



operativo, logo útil, o conceito de desenvolvimento sustentável que, para muitos, tem tanto de pertinente para o futuro das nossas sociedades quanto de impreciso na sua aplicação.

Como escreve a autora, “mais que esclarecer o conteúdo de uma definição, importa passar à sua aplicação em situações concretas, dirigindo a atenção para as questões da monitorização, avaliação e controlo da sustentabilidade...”.

Em terceiro lugar este trabalho incorpora os elementos fundamentais de uma investigação científica, tornando creíveis os seus resultados.

De facto, nos seus vários capítulos é descrita de forma clara e exaustiva o problema que a autora pretendeu investigar e a sua relevância; está presente a revisão da literatura necessária para a contextualização e delimitação rigorosa do problema que foi investigado, a metodologia seguida e a discussão dos resultados obtidos. Por isso, não é demais sublinhar que também aqui estamos em presença de um exercício exemplar sobre as virtudes científicas da organização, do rigor e da transparência.

Em quarto lugar, sublinharia a excelente reflexão em torno da problemática do desenvolvimento sustentável e do turismo sustentável. A exposição apresentada no segundo e terceiro capítulos sublinha a este propósito alguns aspectos que merecem ser destacados.

Sobre o desenvolvimento sustentável, a Professora Ana Isabel Moniz começa por lembrar que foi em 1989 que foi publicado o relatório “Our Common Future” da Comissão Mundial do Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, também conhecida por Comissão Brundtland, onde esta matéria é abordada com a profundidade e as preocupações que a situação do planeta Terra já exigiam. Como também refere, embora o conceito tenha outros precursores, este relatório trouxe o desenvolvimento sustentável para um primeiro plano da agenda mundial, sendo definido como o desenvolvimento que vai ao encontro das necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de garantirem as suas próprias necessidades.

Como base mínima, foi sugerido que o desenvolvimento sustentável requereria a manutenção da integridade ecológica e a sua diversidade, a garantia das necessidades básicas do ser humano, mantendo as opções abertas para as gerações futuras, reduzindo a injustiça e aumentando a capacidade de auto-determinação.

Estaremos assim perante uma perspectiva que enfatiza o longo prazo e as noções de equidade entre os indivíduos, entre o presente e o futuro e entre os seres humanos e outros organismos.

A Professora Ana Isabel Moniz lembra que o sector turístico adoptou

igualmente o conceito de desenvolvimento sustentável, mas frequentemente numa perspectiva que a autora considera insuficiente. Ou seja, que o turismo sustentável tem sido visto como um turismo que pode manter a sua viabilidade por um período indefinido de tempo.

Porém, os aspectos da sustentabilidade, como é sublinhado, caem no que poderemos designar por concorrência entre sectores económicos por recursos escassos de terra, água, energia, ou capacidade de assimilação dos resíduos.

Logo, será errado assumir, como muito bem salienta, que a perpetuação do turismo leve ao desenvolvimento sustentável, concebido numa perspectiva abrangente a toda a sociedade.

Será muito importante, como é afirmado no livro, que deva ser adoptada uma perspectiva sistémica, o que pressupõe que o desenvolvimento sustentável no contexto do turismo possa ser definido como aquele que é desenvolvido e mantido de tal forma que é viável por um período indefinido, mas que não degrade ou altere o ambiente físico e humano, e que não põe em causa o desenvolvimento bem sucedido de outras actividades e processos.

Nesta análise, é-nos recordado que o turismo é essencialmente um complexo de actividades, assente na utilização e usufruto, muitas vezes inten-

sivos, de um leque muito vasto de recursos ambientais e naturais, de uma gama de recursos patrimoniais, históricos, culturais, etnológicos, entre outros.

A necessidade de preservar este manancial de recursos, como é enfatizado, não só para o turismo, mas como condição essencial de vida de muitas regiões e comunidades nas suas múltiplas dimensões, faz surgir a necessidade de desenvolver e reorganizar os recursos e os respectivos produtos turísticos tendo em atenção os quatro princípios básicos da sustentabilidade: o ecológico (respeito pelos processos e diversidade ecológica), o social e cultural (respeito pela identidade cultural e pelos valores comunitários), o económico (garantia da rentabilidade económica e da qualidade de vida dos residentes) e o político (capacidade para partilhar com os vários membros do sistema turístico as outras dimensões da sustentabilidade).

A autora sublinha ainda a importância da procura turística, referindo que a múltipla diversidade de atractivos, que tem de ser garantida pela sustentabilidade do turismo, constitui o que poderemos designar como a base para uma experiência enriquecedora, onde estão presentes os sentimentos e as emoções compartilhadas e produzidas pela utilização desse bem ou serviço turístico a que chamaríamos uma uti-

lidade vivencial. E aqui teremos uma das formulações mais importantes a reter: um destino é competitivo se basear o seu desenvolvimento numa perspectiva sustentável.

Em quinto lugar gostaria de anotar o acerto na metodologia utilizada para operacionalizar o turismo sustentável. Assume-se nesta obra que um dos principais desafios para a investigação e para a política turística têm que ver com o facto de que o desenvolvimento sustentável é na sua grande parte determinado pelas posições assumidas pelos grupos e indivíduos que possuem um interesse declarado no desenvolvimento turístico de um dado destino, os “Stakeholders”, tal como são conhecidos na literatura anglo-saxónica nas ciências da gestão empresarial.

É assim que esta investigação aborda a temática da sustentabilidade do turismo nos Açores através da aplicação da metodologia da análise dos “stakeholders”, assumindo que o estudo das percepções e necessidades dos vários interessados no turismo terá um papel fundamental na orientação do planeamento estratégico, da gestão e do marketing, ferramentas indispensáveis a um adequado controlo dos impactes turísticos sobre os ambientes natural e sociocultural.

Um sexto aspecto que gostaria de chamar a atenção prende-se com a qualidade do tratamento estatístico

e da leitura dos resultados obtidos com os inquéritos realizados aos “stakeholders”, empresários, residentes e turistas, presentes nos capítulos quinto, sexto e sétimo deste livro.

Há pois, aqui, um enorme manancial de informação e está igualmente presente uma muito completa bateria de indicadores de diversa natureza que permitirá continuar este esforço de conhecimento no futuro, já que este modelo permite continuar a monitorizar as percepções dos “stakeholders” ao longo do tempo.

Estes indicadores, sublinha a autora, “requerem, porém, a definição prévia de metas para o respectivo desempenho e a sua revisão periódica, acompanhando o próprio processo de revisão de planos e de estratégias”.

A riqueza dos resultados e a sua desagração não se compadecem com umas breves notas como as que agora vos dirijo.

Mas, não deixaria de sublinhar o elevado padrão sócio económico e a grande sensibilidade para os aspectos ambientais da maioria dos que visitam os Açores; que as empresas, maioritariamente de pequena dimensão ainda têm um significativo caminho a percorrer em termos de práticas de sustentabilidade, necessitando de apoio formativo e não só e incentivos para participarem neste esforço da sustentabilidade; e que a população em muitos casos ainda com níveis de esco-

laridade aquém do desejado para os novos desafios do desenvolvimento, mantém uma simpatia expectante em relação a estas actividades.

A virtude sétima está no conjunto de recomendações que surgem no final deste trabalho. Decorrem naturalmente dos resultados apurados, quer nos estudos analisados e de análise de experiências em outros destinos, quer dos inquéritos efectuados no âmbito desta investigação sobre os Açores. São cerca de duas dezenas, as importantes recomendações aqui apresentadas.

Vão desde a protecção e melhoria da qualidade do ambiente e dos recursos naturais, passando pela implementação de técnicas de controlo e de gestão de espaços, de sistemas de gestão ambiental e de qualidade, à criação de prémios e incentivos à qualidade ambiental, até ao desenvolvimento de campanhas de sensibilização e de divulgação de boas práticas de sustentabilidade.

Destacaria, porém, a última recomendação exactamente no último parágrafo deste livro:

“A busca da sustentabilidade do turismo não é certamente um problema só do domínio público: todos os grupos interessados no desenvolvimento do turismo devem partilhar desta responsabilidade comum, atendendo necessariamente a aspirações, metas e prioridades diferentes.

Por isso, é fundamental desenvolver formas flexíveis de cooperação entre o sector público e o sector privado, que permitam dar resposta àquele que parece ser o maior desafio das sociedades contemporâneas: passar da teoria à acção, ou seja, operacionalizar o conceito de desenvolvimento sustentável”.

Com este livro a Professora Ana Isabel Arruda Moniz dá um importante contributo para colmatar uma lacuna na edição de trabalhos científicos na área do turismo em Portugal, e estou certo que este trabalho passará a ser uma referência para todos os que querem conhecer e estudar uma das mais significativas e complexas realidades sociais e culturais do nosso tempo. JOÃO ALBINO MATOS DA SILVA

